

R. Knobloch (5) publica um caso de lenticone anterior bilateral em que admite a hipótese de ter sido adquirido, pois o defeito apareceu aos 20 anos de idade, em um operador de cinema. A parte central do cristalino apresentava miopia cristaliniana de 7 dioptrias, enquanto a periférica se conservava emétrepe.

A. Feigenbaum (6), observou em um armênio de 10 anos e meio de idade, um lenticone constituído, unicamente, às custas das camadas lenticulares post-embrionárias, que aumentou durante dois anos. Na opinião daquele autor, a anomalia não era congênita, e sim devida ao enfraquecimento congênito da cápsula anterior e ação da pupila (sic).

Contrariando a opinião de ser o lenticone anterior u'a má formação que se estabelece depois do nascimento, Seefelder e Wolfrum (7) descrevem um lenticone anterior num feto humano de quatro meses.

B I B L I O G R A F I A

- 1 — HAAB-TERSON — Atlas-Manuel des Maladies Externes de l'oeil — 1905 — Pag. 248.
- 2 — DUKE-ELDER — Text-Book of Ophth. Vol. II — 1939 — Pag. 1353.
- 3 — LOUIS DOR — Affections Congénitales du Cristallin — Enc. Franc. d'Ophth. — 1908 — Pag. 22.
- 4 — DUKE-ELDER — Op. cit.
- 5 — R. KNOBLOCH — Archs. d'Ophth. — Nov. 1937 — Pag. 1044.
- 6 — A. FEIGENBAUM — Lenticone antérieur — Ann. d'Ocul. — 1931 — Pag. 218.
- 7 — SEEFELDER und WOLFRUM — Über eine eigenartige Linsen-anomalie (Lentiglobus anterior) bei einem viermonatlichen menschlichen (Fötus) — Arch. für Ophth. — LXV BAND — 1907.

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ÓTICA EM S. PAULO

DURVAL PRADO — S. Paulo.

A historia do desenvolvimento da ótica em S. Paulo compreende um periodo de meio século, aproximadamente, até os nossos dias e pode ser estudada em três fazes sucessivas que se seguem com entrelaçamento mais ou menos manifesto.

A primeira faze é puramente comercial e o que dela sabemos nos vem das informações verbais prestadas por pessoas idoneas que no fim

do século passado já se dedicavam áquele comércio e ainda hoje nele se mantem. Predominava então a ótica de origem franceza e quase exclusivamente representada por **pince-nez**. Naqueles tempos, somente os portadores de afecções externas dos olhos usavam livremente óculos com vidros enfumaçados ou azues. Outro qualquer que se entregasse a tal uso era olhado como elemento suspeito ao meio, tal era a impressão de disfarce que os óculos lhes dava. A venda de lunetas não differia muito da de um outro qualquer objeto, pois a sua variedade era representada apenas pelos respectivos números que geralmente eram referidos pelo próprio pretendente. A escolha constava apenas de uma ligeira leitura no ato da compra, pois prevalecia o criterio da idade para avaliação do número a pedir, ou, em outras vezes, o uso prévio das lunetas de um amigo facilitava a tarefa. Era então comum presentear-se um amigo ou um parente com um par de lunetas apropriadas á sua vista. Os casos de empréstimo sistemático entre os menos afortunados eram frequentes, pois objetos desta natureza, custando de 2 a 3 mil reis não estavam ao alcance da maioria.

As lunetas ou **pince-nez** eram, invariavelmente de lentes ovais, de calibres pequenos, lentes da classe bi, graduadas em números de polegadas.

Dada a forma de suas molas, estas lunetas eram mantidas facilmente sobre qualquer nariz. Muitos usavam prende-las aos botões das vestes por meio de cordeis de seda preta.

As casas que se davam ao comércio da ótica de então, vendiam juntamente, cirurgia, artigos de música, relógios etc., simbiose que até os nossos dias encontramos.

A primeira tentativa de uma oficina de ótica appareceu depois de 1895, representada por um rebolo de pedra movida a pedal pelo proprio operador.

Tudo que ai se fazia era representado pela calibração de lentes, ou seja, redução do calibre de uma lente para ajusta-la em seguida a aros menores. Até aquella data não existiam em S. Paulo médicos oculistas propriamente ditos; as poucas receitas que appareciam eram referentes á presbiopia ou miopia simples.

A partir de 1902, segundo dados registados na Casa Fretin, tem inicio o que podemos denominar de fase scientifica da ótica em S. Paulo. Instalaram-se aqui varios medicos oculistas, estrangeiros e brasileiros, tendo quase todos, curso de especialisação na Europa. Ao lado do Dr. Francisco Pignatari, o primeiro em data a se instalar, appareceram: Dr. Adolfo Gad, Dr. Ataliba Florence, Dr. Pedro Pontual, Dr. Guilherme Alvaro, Dr. Jambeiro Costa, Dr. Carlos Pena, Dr. Euzebio de Queiroz, Dr. Bueno de Miranda e Dr. Gabriel Raja.

para falar somente daqueles já falecidos, cujo receituário consta dos registros mais antigos que pude compulsar.

Até 1912, aproximadamente, predominava o receituário de miopia e somente com Pignatari, em 1902 teve início a prescrição de lentes cilíndricas e a notação em dioptrias. Era então muito simples o modo de determinar-se a direção dos eixos das lentes astigmáticas; na sua maioria as indicações eram: eixos horizontais, ou outras vezes, eixos verticais. Indicações de: eixos: entre 30° e 60° encontramos nos referidos registros.

Como consequência natural do aparecimento de receitas de lentes astigmáticas, surgiu a necessidade de oficinas de ótica mais aparelhadas.

Já não era possível manter-se em estoque óculos ou lunetas com tais lentes e então teve início a importação de lentes astigmáticas, simples e combinadas para o preparo das novas receitas. Estas lentes de origem franceza eram chatas e frequentemente, colocadas em armações de lunetas, que ainda desfrutavam grande preferência sobre os óculos.

Depois de 1912, tem início uma nova fase da ótica em nosso meio.

É uma fase, a um só tempo, científica e técnica. Aparecem então os primeiros médicos oculistas especializados na grande escola vienense de Fuchs. Por esta ocasião S. Paulo funda a Escola de Medicina e Cirurgia onde se ensina a oftalmologia com o rigor de verdadeira especialidade e com isto cresce o número de especialistas de molestias dos olhos

Paralelamente a estes fatos o comércio de ótica desdobra-se, quer na importação mais variada, pois agora entra o comércio norte-americano como grande fornecedor, quer em instalações mais adequadas ao preparo de um copioso e variado receituário de lentes corretoras.

O uso agora frequente das lentes astigmáticas vai impondo o uso das armações de óculos em lugar das de lunetas. Aumenta progressivamente o receituário da hipermetropia, contando-se então cada vez maior o número de crianças portadoras de óculos corretores.

Era então frequente a especificação do tipo de lentes na própria receita, e então a especificação de lentes periscópicas ou lentes tóricas começa a surgir. Novos estoques de lentes tornaram-se necessários ás casas do ramo que importavam-nas ora da França, ora da America do Norte.

Por esta ocasião ainda aparecia de quando em quando, um pedido especial, por parte do proprio paciente, de lentes de cristal de rocha, material que ao lado de algumas virtudes, não pode entrar na prática.

Para chegarmos á fase atual da ótica em S. Paulo, devemos partir de 1917, ano em que instalou-se aqui J. Vignoli, atualmente afastado desta atividade. Vignoli foi o primeiro entre nós a conquistar em Universidade norte-americana um título de Optometrista. Não possuem as Leis do nosso Paiz dispositivos de reconhecimento desta especie de profissão, como nos Estados-Unidos, o que porem não impedio ao seu portador de exercer-la livremente nesta Capital. Vignoli contribuiu de maneira decisiva na parte técnica da ótica, desenvolvendo-a como nenhum outro, no seu tempo. Não somente foi grande e selecionado o material vendido diretamente por este técnico, como também forneceu ele, durante muitos anos, material a um grande número de pequenos óticos desta Capital e do Interior do Estado. Outra contribuição, que hoje ainda frutifica com os conhecimentos adquiridos em seu estabelecimento, é a do elemento pessoal. Aprimorados óticos práticos em rebaixamento de lentes bifocais e lentes tóricas, cuja manipulação em nosso meio, a ele devemos, saíram das oficinas de Vignoli e muitos deles pontificam hoje em nosso comercio.

As realizações de ordem economica que veem se operando em nosso Paiz fazem crer numa próxima industria do vidro de ótica entre nós e colocada ao lado dela uma Escola para Óticos Praticos, cuja semente ja lançamos em dois Cursos sucessivos, completaremos em breve este ciclo de realizações que nos colocará á altura de uma paiz adeantado neste importante setor do moderno progresso.

CORPO EXTRANHO INTRA-OCULAR (*)

ALFREDO ROCCO — S. Paulo

OBSERVAÇÃO CLINICA

Em data de 13-5-943, fui procurado em meu consultório por R. B. A., de 51 anos de idade, branco, casado, brasileiro, comerciante, residente em Uberaba, Estado de Minas Geraes, para uma consulta.

No seu historico refere o paciente, que 15 dias atrás sofreu um acidente em OE, motivado por um objeto metalico, quando, sentado na porta de sua casa, objeto esse que partiu da rua, por movimentos rotatorios de uma fita métrica na mão de um transeunte. Sentiu na ocasião forte dor em OE, perdendo a visão imediatamente nesse olho. Ainda na ocasião do acidente, procurou pelas proximidades algum objeto

(*) Comunicação feita á Soc. Oft. S. Paulo, sessão 14 Agosto 43.